



WOLSAK & WYNN

VESUVIO



VESUVIUS

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES
TRADUÇÃO DE / TRANSLATED BY HUGH HAZELTON

VESUVIO



VESUVIUS

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES

Tradução de / Translated by
Hugh Hazelton



© Zulmira Ribeiro Tavares, 2011
Tradução / Translation © Hugh Hazelton, 2015

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida em qualquer forma o por quaisquer meios, sem a autorização prévia por escrito da editora ou uma licença do Canadian Copyright Licensing Agency (Access Copyright). Para obter uma licença, visite www.accesscopyright.ca ou chame ao 1-800-8893-5777. /

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted, in any form or by any means, without the prior written consent of the publisher or a license from the Canadian Copyright Licensing Agency (Access Copyright). For an Access Copyright license, visit www.accesscopyright.ca or call toll free to 1-800-893-5777.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Imagem da capa / Cover image: *Flowers and Storm #10* por / by Igor Muskatblit

Capa e desenho interior / Cover and interior design: Leigh Kotsilidis

Composto em / Typeset in Abadi MT Condensed

Impresso na / Printed by Coach House Printing Company Toronto, Canada

Vesúvio foi publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2011. /

Vesúvio was published in Brazil by Companhia das Letras in 2011.



Canadian
Heritage

Patrimoine
canadien

A editora agradece o Conselho de Artes de Canadá, o Conselho de Artes de Ontario e o Fundo do Livro do Canadá por seu apoio financeiro. /

The publisher gratefully acknowledges the support of the Canada Council for the Arts, the Ontario Arts Council and the Canada Book Fund.

Wolsak and Wynn Publishers Ltd.

280 James Street North

Hamilton, ON

Canada L8R 2L3

Library and Archives Canada Cataloguing in Publication

Tavares, Zulmira Ribeiro, 1930-, author

Vesúvius / by Zulmira Ribeiro Tavares ; translated by Hugh Hazelton.

Translation of: *Vesúvio*; with the original Portuguese on the facing page.

ISBN 978-1-894987-81-3 (pbk.)

I. Hazelton, Hugh, 1946-, translator II. Tavares, Zulmira Ribeiro, 1930- .

Vesúvio. English. III. Tavares, Zulmira Ribeiro, 1930- . *Vesúvio*. IV. Title.

PQ9698.3.A73V4713 2015

869.1'42

C2014-907345-3

I

(Instalações)



(Installations)

A mancha de cor

Se com o passar dos anos vamos perdendo os pelos que nos faziam orgulhosos por sua fricção animal e sua vizinhança dos capinzais na boa estação,

E, ainda, se vamos perdendo a água que nos deixava luminosos como sinaleiras, como elas atentos e úteis – isso ainda não é sério.

Podemos avançar nas perdas.

Mas, quando os dias se excedem, espichamo-nos como as sombras do poente, somos ginastas rastejadores, as sombras são nossos pijamas de elástico e fumo, elas nos levam estirados na direção do sol desaparecido dentro de sua mancha de cor.

Nossas sombras são sombras estradeiras.

Somos estradeiros com as sombras e corremos para nada dentro da mancha de cor.

The Stain of Colour

If as the years go by we lose the hair that once made us proud with its animal friction and likeness to lush fields when they're in season,

And if, on top of that, we lose the water that left us luminous as traffic lights, and just as attentive and useful – that's still not serious.

We can move forward into the losses.

But, when the days go too far, we stretch out like the shadows of sunset, we're tracker gymnasts, the shadows are our pyjamas of elastic and smoke, they carry us tautly toward the sun that's disappeared now into its stain of colour.

Our shadows are walking shadows on the road.

We are walkers with the shadows and run uselessly into the stain of colour.

Vesuvio

Tua cabeça a prumo emplaca o tempo.
Dentro dela guardas o Vesuvio
que nunca chegaste a ter em pedra e lava,
mas em tela, plasma, figura.

Perto do Vesuvio, em esfuminho,
o perfil de teu amor esvaecido
há tantos anos.
E escutas chegar pelo esfuminho
como por um canal de cinzas
o professor Silvério cantarolando
nas aulas de desenho, o teu fracasso.

E tens no teu fracasso a mão direita
duplicada dentro da cabeça
suja de carvão e tinta a óleo.
A esquerda se apoia no joelho
e faz figa para o mundo: um sucesso.
Tua cabeça a acolhe com ternura
e com firmeza a ambas:
a submissa e a da recusa.

Um dia arrastarás, a tua cabeça,
para altas esferas,
como o saco de Noel (que delas desce)
a quem chamam pai,
papai para os pequenos —
pelo que distribui de vida adulta
adiantada em maquete e aos pedaços
com o impagável nome de brinquedos.

Cruzarás com ele e te farás de sono.

Vesuvius

Your perpendicular head notches up time.
Within it you keep the Vesuvius
you could never have in stone and lava,
but on a surface, screen, shape.

Near Vesuvius, in the rubbed drawing,
the profile of your love that faded away
so many years ago.
And through the shaded forms
like a channel of ashes
you hear Professor Silvério softly singing of
your failure in his design classes.

And in your failure you've got your right hand
doubled inside your head
grimy with charcoal and oil paint.
Your left hand is lying on your knee,
with a contemptuous sign to the world: a success.
Your head shelters its hand
tenderly, firmly accepting both:
the submissive one and the one that rebuffs.

One day you'll drag your head
to lofty spheres,
like the Christmas sack (which descends from up there) –
that comes from Santa Claus
– Santa to the little ones –
from which he hands out adult life
ahead of time in models and pieces
with the priceless name of toys.

You'll bump into him and play it dumb.

Já tu agora de nada queres ser destituído.

Isso foi antes.

Sem acordo com Noel, não distribuirás,

e a usura será a tua força.

Sobre o teu pescoço, firmes

como o saco de Noel nos ombros,

terás dentro da cabeça

vivos, tudo:

do Vesúvio em tela à lava do teu corpo.

These days you don't want to be deprived of anything.
That was before.
Without Santa's agreement, you won't hand out anything,
and charging interest will be your strength.
On top of your neck, as steady
as Santa's sack on your shoulders,
you'll have all of it live
in your head:
from a surface Vesuvius to the lava of your body.

O paradoxo dos fantasmas

Há duas espécies de fantasmas.
Os verdadeiros e os falsos.

O verdadeiro lembra o cristal mais puro porém sem nenhuma luz refletida que nos oriente sobre sua presença.

Assim, tendo ele perdido o reflexo sua condição de invisibilidade é perfeita.

Já não se pode dizer o mesmo quanto à sonoridade.

Como quando duas taças de cristal se tocam, leve ruído rascante por vezes vibra, finíssima trinca rompendo a lisura do ar.

Sabemos então que se acha presente na sala mais de um fantasma verdadeiro — e por algum motivo de nós desconhecido, se congratulam.

O fantasma falso é muito outra coisa.

Traz um grande lençol branco jogado por cima do que está dentro. Nesse lençol não há nenhum visor como em uma burca. Ou se trata de uma burca cega.

Suspeita-se, porém, que nas dobras do lençol cego exista, sim, alguma passagem de ar e visão entre o dentro e o fora; contudo instável, já que sempre se abrindo e fechando em segredo para o fantasma de que aqui tratamos não ser apanhado em falso, ainda que venha a ser essa exatamente sua natureza e disso muitos sabem — porém outros nem por sombras.

Com frequência seu olho que vasculha a sala se desencontra do visor improvisado, assim é natural que aqui e ali tropece em si próprio e em si próprio enrosque os pés, e caia com estrondo, ou role a escada e solte um urro cavernoso seguido de palavra impronunciável. Esse fantasma e todos os outros da sua espécie são os mais temíveis: pois que existem.

The Paradox of Ghosts

There are two types of ghosts:
the real ones and the fakes.

The real one brings to mind the purest crystal, but without a single bit of reflected light to show us its presence.

This way, with its reflection lost, its invisibility is perfect.

But the same can't be said about the quality of sound.

As when two crystal glasses touch, the slight tart noise sometimes vibrates, a delicate scratch that breaks the smoothness of the air.

We know then that more than one real ghost finds it is present in the room – and for some reason unknown to us, they congratulate one another.

A fake ghost is another thing altogether.

It wears a huge white sheet thrown over what's inside. This sheet never has an eyehole like a burka. Or else it's a blind burka.

It's thought, though, that the blind sheet's folds contain some kind of passage of air and vision between inside and out – yet unstable, since it's always opening and closing in secret so that the ghost we're dealing with isn't caught in vain, even if that turns out to be exactly its nature, and this is known to many people – though not by a ghost of a chance to others.

Often, as its eye roams the room, it misses the improvised sight hole, so it's natural that here and there it trips over itself and stumbles over its own feet, and falls with a boom, or else tumbles down the stairs, letting loose a cavernous roar, followed by an unpronounceable word. This ghost and all the others of its kind are the most terrible, because they exist.

Abaixo da linha de pobreza

Ora vejo a linha de pobreza no contorno irregular dos prédios, altos, baixos, ou das pequenas casas de autoconstrução na encosta dos morros.

A linha que mais me atinge é a reta, que vai de um ponto a outro sem desvio. Sei que nela há números. Quais, não sei. Ainda que não tenha cor, peso, e tangencie o invisível, é forte.

Li a propósito.

Considero a linha do horizonte a que mais se aproxima do que imagino ser a linha de pobreza. Da cidade, ver o horizonte é difícil, ou se apresenta com defeito. Rememoro-o distante, no fim do mar. Deve ser de lá que a tiraram, a linha de pobreza, com régua e compasso: para raciocínio e ação. Pois impossível que não exista primeiro na paisagem, material, resistente. Tem de existir, como certas fibras arrancadas à natureza para com elas se fazer feixes, relhos, assim como servem de enfeite as penas de belas aves.

Verdade que ao longo da vida passaram-me diante dos olhos gráficos estampados em folhas de jornal. Alguns diziam respeito à linha de pobreza. Neles, seu traçado não remetia ao limite que se tem do mar, longe, e por vezes mesmo delineou o contorno de ondas crespas e próximas ou, além, de escarpas, promontórios... Puras formas da física terrestre, impetuosas, dramáticas, tocando o interior dos homens de modo diverso ao da linha do horizonte — que os acalenta com o sono, a tranquilidade ou a morte.

Abaixo da linha de pobreza...(…)

Below the Poverty Line

Looking out I can see the poverty line in the irregular contour of the buildings, high or low, or of the small hand-built houses on the hillsides.

The line that affects me most is the straight one, that goes from one point to the other without a single deviation. I know there are numbers in it. Which ones, I don't know. Though the invisible has no colour, weight or tangency, it's strong. I read about it.

I believe the horizon line is the one closest to what I imagine the poverty line to be. It's difficult to see the horizon from the city, or it appears with defects. I remember it as distant, at the end of the sea. It must be from there that they take it, the poverty line, with ruler and compass, for reason and action. It's impossible for it not to have been found first in the landscape: material, resistant. It must exist, just as certain fibres torn from nature to make bundles and whips, or as decorations made from the feathers of beautiful birds.

It's true that all my life the printed graphs of newspapers have passed before my eyes. Some concerned the poverty line. Their design didn't refer to that distant limit the sea is thought to have, and sometimes it even outlined the form of rough waves nearby or, out beyond, slopes, headlands... Pure forms of the Earth's physics, impetuous, dramatic, touching the interior of men in a different way than the horizon line – which soothes us with sleep, serenity or death.

Below the poverty line... (...)

... De velhos cadernos escolares

Partimos de barco em direção à ilha, pequena, redonda e verde como a dos cadernos escolares. No centro, alguns coqueiros.

Ao pisarmos o seu chão, desfez-se, desprendendo cheiros de vegetação e terra úmida que se juntaram ao de maresia. Como se no ar a nossa volta perdurasse em novo arranjo, ilha e mar.

O equilíbrio na água era precário. Certo tremor agia em cada um como instrumentos de corda quando a propagação de sons tem seu início. De volta ao barco não olhamos para trás, nem que figura ali deixáramos às nossas costas, sem real força remissiva.

... Of Old Exercise Books

We headed out in the boat toward the island — small, round and green, like the ones on the covers of old exercise books. In the centre, a few coconut palms.

When we set foot on the shore, it came apart, giving off smells of vegetation and damp earth that blended with the scent of the sea at low tide. As if our return remained in the air through a new arrangement between island and sea.

Our balance in the water was unsteady. A certain tremor ran through each of us like in stringed instruments when sound begins to be generated. Once on the boat, we didn't look back, not even at the traces we'd left behind us, without any real redemptive force.